

**AMANDA GARGHETTI  
CAMILA MACHADO  
EMMANUELLE VICTÓRIA FURTADO GOMES  
HELOISE GIOVANNA DA SILVA  
STÉFANY KITZBERGER**

**Redes sociais e o amadurecimento precoce infantil**

AMANDA GARGHETTI  
CAMILA MACHADO  
EMMANUELLE VICTÓRIA FURTADO GOMES  
HELOISE GIOVANNA DA SILVA  
STÉFANY KITZBERGER

## **Redes sociais e o amadurecimento precoce infantil**

Projeto de pesquisa desenvolvido no  
eixo formativo diversificado “Conectando  
Saberes” do curso Técnico Integrado em  
Modelagem do Vestuário do Instituto  
Federal de Santa Catarina – Câmpus  
Jaraguá do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Silva da Silva  
Coordenadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Anne Cristine Rutsatz Bartz

Jaraguá do Sul  
2023

## **AGRADECIMENTOS**

Desejamos expressar nossa gratidão, inicialmente, ao IFSC Campus Jaraguá do Sul - Centro, por proporcionar a oportunidade de realizar um projeto de pesquisa e enriquecer nossos conhecimentos no âmbito científico.

A nossa coordenadora de fase, Anne Cristine Rutsatz Bartz, por sua constante disposição em nos auxiliar diante dos desafios sucedidos durante a execução deste trabalho; e ao nosso orientador, Carlos Alberto Silva da Silva.

Agradecemos também à diretoria da Escola de Educação Básica Prof<sup>a</sup> Lilia Ayroso Oechsler por autorizar e auxiliar na aplicação do formulário. Da mesma forma, à psicopedagoga Gessica da Silva Liebl, por suas contribuições profundamente significativas para a consolidação da pesquisa.

Por fim, expressamos nosso profundo agradecimento a todos que nos apoiaram ao longo dos três semestres de duração da pesquisa. Vocês foram fundamentais para a consolidação deste trabalho.

## ÍNDICE DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1- “Quantas horas por dia você utiliza o celular?” .....  | 26 |
| Figura 2- “Você tem seu próprio aparelho eletrônico (celular, tablet, notebook, entre outros), ou usa o do seus pais?” ..... | 27 |
| Figura 3- “Você tem tempo limitado para usar seu aparelho eletrônico, ou usa o quanto quiser?” .....                         | 28 |
| Figura 4- “Quais dessas séries você já assistiu?” .....  | 29 |
| Figura 5- “Quais destes filmes você já assistiu?” .....  | 30 |
| Figura 6- “Você usa redes sociais?” .....  | 31 |
| Figura 7- “Quais?” .....   | 31 |

## RESUMO

A presente pesquisa, concentra-se na compreensão das causas e consequências do excesso e mau uso das redes sociais durante a infância, e sua relação com o processo de amadurecimento infantil na esfera intelectual e social; perpassando por investigações sobre a concepção de infância e a determinação de termos fundamentais para o desenvolvimento do estudo. Afim de obter resultados significativos, foi designado um formulário com amostra de 25 crianças com idade entre 8 a 12 anos, na Escola de Educação Básica Prof<sup>a</sup> Lilia Ayroso Oechsler em Jaraguá do Sul; assim como, uma entrevista com a psicopedagoga Gessica da Silva Liebl, na qual foi possível obter informações relevantes no que diz respeito à utilização das redes sociais durante a infância. Ao direcionar a atenção para a hiperconectividade infantil, especialmente diante das circunstâncias impostas pela pandemia de Covid-19, constatou-se que a intensificação do uso das redes sociais não apenas contribui para um amadurecimento precoce, mas também pode acarretar potenciais atrasos em diferentes aspectos durante um dos estágios mais importantes da vida: a infância.

**Palavras-Chave:** amadurecimento precoce, mau-uso, redes sociais, infância.

## **ABSTRACT**

This research focuses on understanding the causes and consequences of the excess and misuse of social media during childhood, and its relationship with the intellectual and social maturation process; passing through investigations into the conception of childhood and the determination of fundamental terms for the development of the study. In order to obtain meaningful results, a survey was assigned with a sample of 25 children aged 8 to 12 at the Prof<sup>a</sup> Lilia Ayroso Oechsler Basic Education School in Jaraguá do Sul, as well as an interview with the educational psychologist Gessica da Silva Liebl. This interview provided relevant information regarding the use of social media during childhood. By Drawing attention to childhood hyperconnectivity, especially given the circumstances imposed by the Covid-19 pandemic, it was observed that the intensification in the use of social media not only contributes to early maturation but can also lead to potential delays in different aspects during one of the most crucial stages of life: childhood.

**Keywords:** early maturation, misuse, social media, childhood.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>AGRADECIMENTOS</b>  | <b>2</b>  |
| <b>ÍNDICE DE FIGURAS</b>   | <b>3</b>  |
| <b>RESUMO</b>  | <b>4</b>  |
| <b>ABSTRACT</b>  | <b>5</b>  |
| <b>SUMÁRIO</b>   | <b>6</b>  |
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>  | <b>7</b>  |
| <b>2 HIPÓTESES</b>   | <b>8</b>  |
| <b>3 OBJETIVOS</b>   | <b>8</b>  |
| 3.1 OBJETIVO GERAL   | 8         |
| 3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS  | 9         |
| <b>4 JUSTIFICATIVA</b>   | <b>9</b>  |
| <b>5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>   | <b>10</b> |
| 5.1 HISTÓRIA DA INFÂNCIA   | 10        |
| 5.2 CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA  | 11        |
| 5.3 A TRANSFORMAÇÃO NA ERA DIGITAL   | 13        |
| <b>5.3.1 Tecnologia e o amadurecimento precoce</b>   | <b>14</b> |
| 5.4 IMPACTOS DO COVID-19 NA INFÂNCIA   | 18        |
| <b>5.4.1 Tecnologia, educação e tempo de exposição à tela</b>                                  | <b>19</b> |
| <b>6 METODOLOGIA</b>   | <b>21</b> |
| <b>7 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>  | <b>23</b> |
| <b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>  | <b>31</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>   | <b>33</b> |
| <b>APÊNDICE A - Questionário sobre o consumo e monitoramento das redes sociais na infância</b> | <b>36</b> |
| <b>APÊNDICE B- Perguntas à psicopedagoga</b>   | <b>38</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea, ao longo de sua extensa fase de desenvolvimento, já testemunhou várias revoluções e transformações. No entanto, nunca vivenciou uma mudança tão rápida e de tal magnitude, como na Quarta Revolução Industrial. Sendo esta mudança, originada primeiramente pela proporção tomada pela internet, que segundo Fortim (2013, p. 64):

é o maior repositório de informações que a humanidade já teve. Além da imensa quantidade de informação, a web tem como características o sistema de hiperlinks, onde um website leva a outro, e outro, rumo a uma navegação infinita.

Esta Revolução, é também caracterizada “por sensores menores e mais poderosos que se tornaram, mais baratos e pela inteligência artificial e aprendizagem automática” (Schwab, 2016, p. 9). Assim, a partir deste momento as tecnologias ganham relevância significativa e tornam-se acessíveis para a grande maioria, inclusive para as crianças. Elas, como membros ativos da sociedade atual, estão cada vez mais integradas a esse estilo de vida no qual a tecnologia está sempre presente. Entretanto, o impacto dessa integração no mundo virtual durante a infância, se dá de modo diferente se comparado com os adultos. Visto que, a criança é um ser que ainda não possui maturidade psico-cognitiva para discernir os conteúdos que lhe serão benéficos ou não. (Menezes, 2016)

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), se entende por criança o indivíduo com até 12 anos incompletos. Até esse período da vida, a criança passa por etapas de desenvolvimento e amadurecimento intelectual e social. Nascimento, Brancher e Oliveira (2008) dizem que a criança é “um ser cujo crescimento é um desdobrar-se numa sucessão de fases intelectuais e emocionais”. Contudo, esta ideia de que a criança não é somente um adulto em miniatura, e sim um ser em formação, levou anos para se consolidar. “A falta de uma história da infância e seu registro historiográfico tardio são um indício da incapacidade por parte do adulto de ver a criança em sua perspectiva histórica”, citam os mesmos autores a respeito da construção do conceito de infância.

Esta fase da vida, que pode ser caracterizada pelas brincadeiras, jogos e a vasta imaginação, sofreu cada vez mais modificações marcantes ao longo dos últimos anos, em virtude do crescimento do uso dos aparelhos eletrônicos. Uma

pesquisa realizada anualmente pelo Tic Kids Brasil, aponta que 96% das crianças e adolescentes entrevistados, de 9 a 17 anos, acessam a internet diariamente no ano de 2022. Em 2012, esse número era reduzido a apenas 23%. Tais dados, apontam um crescimento significativo do uso da internet pelas crianças e adolescentes ao longo dos últimos anos. Paiva e Costa (2015, p.5), apontam as possíveis resultantes desse amplo uso da internet e dispositivos eletrônicos: “A utilização da tecnologia de forma indiscriminada pelas crianças, provocam o desequilíbrio físico e psicológico, com isso, potencializa o isolamento social através do sedentarismo, característica essa que é predominante na adesão à plataforma virtual”.

Dados os elementos apresentados, este estudo busca compreender se a hiperconectividade durante a infância ocasiona o amadurecimento precoce desses indivíduos e, conseqüentemente, prejuízos para a vida adulta.

## **2 HIPÓTESES**

- Com a pandemia do Covid19, a utilização de redes sociais aumentou significativamente.
- O uso sem a supervisão dos responsáveis, pode ocasionar o consumo de conteúdos fora da classificação indicativa determinada para idade.
- O consumo destes conteúdos impróprios para criança, está acarretando um possível amadurecimento precoce no campo intelectual e social.

## **3 OBJETIVOS**

### **3.1 OBJETIVO GERAL**

Compreender as causas e as conseqüências do mau uso<sup>1</sup> e excesso<sup>2</sup> de uso das redes sociais na fase da infância, e de que forma esse processo afeta na redução do período de infância de algumas crianças em Jaraguá do Sul.

---

<sup>1</sup> “Uso nocivo, irregular ou impróprio da coisa, contrariamente aos fins a que se destina ou à utilidade que oferece.” MAU USO. In: Vade Mecum Brasil. [S. l.]: [S.N.], 2023. Disponível em: <https://vadecumbrasil.com.br/dicionario-juridico>. Acesso em: 22 fev. 2023.

<sup>2</sup> “O que passa da medida, dos padrões de normalidade, do que é legal; exagero.” EXCESSO. In: Oxford Languages. [S. l.]: Oxford University Press, 2023. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt-en/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

### 3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar de que maneira o mau uso e excesso de uso das redes sociais impactam no processo de adultização intelectual e social precoce da criança;
- Analisar os elementos que exercem influência no processo de amadurecimento precoce;
- Identificar quais tipos de conteúdo online exercem impacto negativo sobre o público infantil;

### 4 JUSTIFICATIVA

Pode-se observar que o crescimento do uso das redes sociais durante a infância, vem modificando drasticamente as brincadeiras e modo de vida dos pequeninos. Isso é notável ao comparar com uma infância vivida há pouco anos, quando a utilização de aparelhos eletrônicos era significativamente reduzida. Menezes (2016, p. 7), argumenta a respeito da utilização das mídias sociais durante a infância: “a internet com suas redes sociais, jogos e séries, podem funcionar como substitutos às instituições historicamente responsáveis pela educação e formação dos indivíduos, quais sejam a família, a escola e a igreja”.

Em decorrência disso, as referências buscadas pelas crianças em seu processo de desenvolvimento, que antes eram de responsabilidade dos seus ciclos sociais, estão cada vez mais sendo moldadas pela mídia. Isso capacita as crianças a acompanhar os conteúdos populares, geralmente direcionados ao público adulto, levando-as a idealizar e imitar certos personagens, comportamentos e costumes inadequados para a idade. (Menezes, 2016)

Diante do cenário atual, onde é observado esta constante transformação na infância, surge o questionamento sobre como o acesso às mídias irá influenciar o desenvolvimento infantil no aspecto intelectual e social, e conseqüentemente, a vida adulta dessas crianças hiperconectadas. De tal modo, a presente pesquisa busca compreender o que constitui o mau uso das redes sociais e como isso pode ocasionar o amadurecimento precoce infantil.

## 5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 5.1 HISTÓRIA DA INFÂNCIA

A história da infância foi construída de diferentes formas ao longo dos séculos, refletindo mudanças sociais, culturais e econômicas. A concepção e a forma como as crianças eram tratadas variaram significativamente durante o tempo, e a noção atual de infância é resultado de uma construção social feita pelos adultos, a qual passou por inúmeras transformações.

Na Idade Média, devido à precariedade econômica, era prática comum que as famílias de menor renda necessitassem que as crianças fossem inseridas na vida adulta a partir dos sete anos de idade. Isso porque, essa etapa era marcada pela desmoltura da fala, momento em que elas eram consideradas úteis para contribuir com o sustento familiar (Rocha, 2002). Em resumo, o contexto social e econômico daquela época impossibilitava as crianças de desfrutarem de uma infância apropriada, expondo-as a elementos inadequados para sua faixa etária e as relegando a pobres condições de vida. Por este motivo, Philippe Ariès (1981 *apud* Rocha, 2023) desenvolve a ideia de que, em diversas famílias, a ausência do sentimento de infância resultava da crença de que elas não sobreviveriam por muito tempo. E assim, infelizmente, o infanticídio ocorria frequentemente devido a essa má conceituação de infância relatada anteriormente, juntamente com isso, era causa desse fenômeno a negligência e a ausência de respeito pelos direitos das crianças, que na realidade, eram inexistentes. (Rocha, 2023)

Com o decorrer do tempo, as críticas provenientes das igrejas e as intervenções dos poderes públicos para uma mudança no tratamento das crianças foram gradualmente ganhando relevância ao longo da Idade Moderna. Esse cenário culminou no estabelecimento de penalidades para crimes cometidos por adultos e no reconhecimento da necessidade de tratar as crianças conforme sua faixa etária. Isso ocorreu em oposição à visão de considerá-las simplesmente como seres em dimensões menores com características idênticas às de outras fases da vida, ou seja, como "adultos em miniatura". (Rocha, 2023)

Além disso, Ariès observa que as obras de arte começaram a representar ambientes adequados para a convivência das crianças, juntamente com um

aumento nos cuidados de saúde, como a administração de vacinas e a promoção da higiene. Como resultado, a criança transita para ser reconhecida como um agente ativo da sociedade e finalmente, "O mundo das crianças e o mundo dos adultos foram separados" (Rocha, 2023, p. 5). Neste momento, torna-se cada vez mais rara a exposição de crianças a ambientes e situações impróprias, uma vez que os adultos adotam o hábito de preservar seus segredos para evitar expor as crianças a algo que possa prejudicar a proteção de uma infância saudável.

No entanto, a interpretação de Kuhlmann Jr. (1998, *apud* Rocha, 2002) difere de Ariès e, considerando um posicionamento inclusivo em relação a todas as classes sociais, ousaríamos dizer que parece mais adequada. O teórico afirma que, na verdade, havia uma preocupação "com uma época de aprendizagens, com brinquedos, roupas e construção de móveis e objetos apropriados à criança" (Rocha, 2002, p. 57). E que em sua dissertação sobre a invisibilidade da criança, o primeiro autor, Philippe Ariès, favorece as classes privilegiadas, embora, na realidade, os filhos de camponeses e artesãos compartilhavam o espaço dos adultos e eram julgados sem modos antigamente, pois: "O conceito de pudor e vergonha são valores que foram sendo construídos a partir das relações das famílias abastadas, sendo uma relação que se constrói verticalmente das classes altas para as baixas." (Rocha, 2002, p. 58)

Entretanto, isso não significa que a educação básica não possa ser adquirida de maneira informal, como nas experiências do cotidiano ou então no aprendizado mútuo com a partilha de vivências. Pelo contrário, a infância provida de riquezas não exemplifica a origem do amor pelas crianças, representa, em vez disso, aquela que tinha mais oportunidades e não enfrentava a mesma necessidade de ascensão social, como os camponeses que enviavam seus filhos para outras famílias com a esperança de melhorar o futuro de seus pequeninos (Rocha, 2002).

## 5.2 CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA

A evolução gradativa da compreensão do que significa ser criança foi demonstrada através dos relatos apresentados sobre as suas concepções históricas. Essas percepções de infância, foram moldadas por diferentes visões, progredindo conforme as normas, valores e crenças predominantes nas épocas e sociedades vivenciadas. Ela evoluiu da representação de criança como um "adulto

em miniatura” para a ideia contemporânea, não infantilizada, que reconhece esses indivíduos como membros ativos da sociedade atual, com necessidades e características únicas. (Scramingnon; Maia, 201?) (Rocha, 2023)

Portanto, essas diversas perspectivas de infância, construídas historicamente, foram apresentadas unicamente sob a ótica dos adultos e frequentemente concebiam o tempo de maneira linear, visualizando a vida como uma sucessão de fases evolutivas. No entanto, Walter Benjamin, referência de pensamento crítico contemporâneo, adotou uma abordagem única ao analisar o tempo e a infância, ele “apresenta um outro conceito de história, no qual passado, presente e futuro estão entrecruzados. Este entrecruzamento de tempo possibilita diálogo constante com a história, permitindo que esta seja refeita” (Maia; Scramingnon, 201?, p. 4-5). Ou seja, para o filósofo, a compreensão da infância requer que a história seja vista como uma verdade provisória, que é desconstruída e reconstruída de acordo com os fatos e o conhecimento adquirido ao longo do tempo. Além disso, ele considera a infância como algo mais do que apenas uma preparação para a vida adulta, ele a explora através de um olhar que valoriza as experiências infantis, como os jogos, a literatura e as brincadeiras, reconhecendo a importância dessas vivências na formação de identidade e na compreensão do mundo.

“Sua concepção da infância está relacionada à memória histórica, a infância como despertar da coletividade, como uma outra possibilidade de ainda existir” (Maia; Scramingnon, 201?, p.1). Nesse contexto, ele sugere que a infância não é apenas uma fase isolada, mas sim um estado de experiência capaz de resgatar os pequenos detalhes da história humana, ou seja, da coletividade, detalhes que podem ser esquecidos na vida adulta. Para Benjamin, a infância é vista como um período em que a percepção do mundo e da realidade difere, onde “As crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio, olhando o mundo com olhos ainda não conformados na lógica adulta” (Maia; Scramingnon, 201?, p.1). Essa visão não apenas mostra que a criança reconhece o sistema de submissão presente na sociedade atual, mas expressa de sua maneira simples, o desgosto pelo modo de vida e atividades diárias impostas por um sistema capitalista às pessoas ao seu redor, e tem o entendimento que esse sistema de mundo volta para ela. Assim, esse pensamento crítico desperta o interesse delas para o seu meio de convívio, e oferece uma possibilidade de renovação contínua de seus pensamentos, além de

uma maneira de entender e abordar a vida e a história de uma forma mais genuína e menos moldada pela sociedade.

Dessa forma, cada uma das etapas da vida, incluindo a infância, “constituem-se como categorias sociais, históricas e culturais, que recompõem permanentemente a experiência vivida” (Maia; Scramingnon, 201?, p. 6). Isso significa que as noções e as experiências de cada fase da vida são moldadas pelas características do tempo e lugar que a pessoa está inserida, influenciando diretamente a forma como uma sociedade as percebe e vivencia. Quando se trata de criança, o ser que compõe o ciclo da vida em estudo, o ponto de vista de Benjamin mostra que ela:

“não está fixada, estática, a esperar que a cultura a preencha de suas melhores contribuições, ela é um sujeito imerso na cultura, logo, parte e produtora dela, como é possível perceber quando afirma: ‘Não são as coisas que saltam das páginas em direção à criança que as vai imaginando – a própria criança penetra nas coisas durante o contemplar’” (Benjamin, 2002 *apud* Maia; Scramingnon, 201?, p.9).

Assim, a criança, que é percebida pelo adulto como desajeitada e ingênua, revela, na realidade, sua própria essência, influenciando e sendo influenciada por todos de seu meio de convívio. Nesse contexto, ela exibe características de um ser que está explorando o mundo, tais como “Insegurança, desorientação, fragilidade, criatividade, curiosidade, percepção, fantasia” (Maia; Scramingnon, 201?, p.9). A ausência de medo, aliada a essas características, realça sua habilidade e atenção em discernir o que escapa à percepção do adulto, introduzindo o novo em um ambiente constantemente repetitivo.

Portanto, é essencial reconhecer que a criança não se constitui no amanhã, independentemente de nossas aspirações para ela. Entender o que ela é no presente, compreender e valorizar a singularidade do pensamento infantil não apenas enriquece a jornada da criança, mas também potencializa as fontes de inovação em nossa sociedade, abrindo portas para novas perspectivas e soluções óbvias que podem passar despercebidas pelo olhar mais convencional dos adultos. (Scramingnon; Maia, 201?)

### 5.3 A TRANSFORMAÇÃO NA ERA DIGITAL

O filósofo Walter Benjamin adota a concepção temporal de Rouanet (1981), que se fundamenta na ideia de ruína, na qual a história pode ser continuamente refeita e a descoberta de um novo conceito não implica o fim do antigo. Assim, ao reconstruir os significados, sempre permanecem os vestígios dos conceitos anteriores. (Scramingnon; Maia, 201?)

Indubitavelmente, a concepção de ruína se revela pertinente ao abordarmos a interseção entre a história da infância e a dinâmica da criança tecnológica contemporânea. Quaisquer abordagens das épocas anteriores levariam a uma analogia com a atualidade. Como exemplo, na Idade Média, as crianças estavam sempre expostas às práticas adultas, no presente essa situação reincide, conforme indicado por Postman (2012 *apud* Rocha, 2022, p. 7) “a televisão não protege as crianças da revelação gradativa”. Logo, nota-se uma crescente adoção de comportamentos que as aproximam cada vez mais da figura de um “adulto em miniatura” como antigamente. (Rocha, 2023) (Scramingnon; Maia, 201?)

Da mesma forma, emerge uma controvérsia à idade moderna, na qual as crianças de famílias abastadas eram separadas do mundo dos adultos. Todavia, diferente de antigamente, agora elas estão cada vez mais integradas a assuntos adultos devido a alta imersão ao universo tecnológico. Conforme observado por Carvalho e Souza (2023, p. 6), há evidências de que “as crianças que tem televisões em seus quartos tenham uma interação limitada com seus pais e constantemente não conversam a respeito do que estão assistindo”. Portanto, embora o acesso da criança às tecnologias possa indicar sua condição financeira favorável, a disponibilidade de recursos não se traduz automaticamente em benefícios, como na idade moderna, uma vez que “O tempo excessivo de tela ( $\geq 2$  horas por dia) está associado a riscos à saúde” (Egypto; Sousa; Viana, 2023, p. 102)

Neste contexto, tanto o estilo de vida quanto a concepção de infância estão sofrendo retrocessos a paradigmas vividos nas eras passadas. E as vivências infantis, que tradicionalmente incluíam jogos, literatura e brincadeiras, estão cedendo lugar a novas atividades centradas no uso de dispositivos eletrônicos, refletindo os contornos de uma sociedade imersa na tecnologia. (Fuhr; Ravasio, 2013)

### **5.3.1 Tecnologia e o amadurecimento precoce**

O processo vigoroso de globalização originou-se da necessidade capitalista de transcender as fronteiras entre povos, culturas e nações. Necessidade que se fortaleceu a partir da Revolução Industrial e da Revolução vivida atualmente, a Tecnológica. Embora essas ideias tenham sido inicialmente concebidas para aproximar a sociedade, hoje “o convívio social é, aos poucos, substituído por interações mais dinâmicas e impessoais - como acontece constantemente na Internet - que liga pessoas de todo o mundo, mas que ao mesmo tempo as afasta daquelas mais próximas”. (Dantas; Rodrigues, 2011, p. 3)

Neste cenário, majoritariamente em famílias sujeitas a rotinas intensas de trabalho, observa-se o uso excessivo de aparelhos eletrônicos, tanto por parte dos pais quanto das crianças (Câmara *et al.*, 2020). Em ocasiões nos quais os pais, em virtude da falta de tempo ou ausência de preocupação, deixam de supervisionar as atividades das crianças. Estas se encontram livres para explorar uma diversidade de conteúdos (Morais; Soares, 2023), imersas em um “um ambiente de mídia que inclui mais de 200 redes de televisão a cabo, 5.500 títulos de revistas, 10.500 estações de rádio (no mínimo), pelo menos 30 milhões de websites e 122 mil livros recém-publicados.” (Dantas; Rodrigues, 2011, p. 7). Essa variedade de possibilidades pode propiciar o acesso desacompanhado de conteúdos, especialmente quando as crianças exercem autonomia para assistir televisão em seus quartos ou possuem dispositivos móveis pessoais. (Fuhr; Revasio, 2013)

Essa conjuntura desafia o diálogo entre pais e filhos, resultando na falta de consciência sobre os conteúdos consumidos e na escassez de interações sociais (Carvalho; Sousa, 2023). Como desdobramento, a infância, inicialmente concebida por Walter Benjamin (Maia; Scramingnon, 201?) como um período de coletividade, transforma-se progressivamente em uma fase mais isolada. Essa transição impacta adversamente as habilidades sociais, manifestando-se em atrasos na linguagem oral e no desempenho cognitivo das crianças. (Carvalho; Sousa, 2023)

A deficiência no desenvolvimento do raciocínio próprio acarreta, igualmente, uma escassez de criatividade, elemento essencial na infância que é onde “As crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio” (Scramingnon; Maia, 201?, p. 1). Desta forma, ao privar as crianças de atividades lúdicas típicas da infância, como a montagem de quebra-cabeças ou a criação de objetos com massas de modelar, compromete-se o desenvolvimento da imaginação, criatividade e interação social, aspectos fundamentais na formação de identidade e compreensão

do mundo. A substituição dessas experiências por jogos automáticos, carentes de raciocínio lógico e monótonos, resulta na limitação do desenvolvimento de novas habilidades e na restrição do avanço do vocabulário, uma vez que os jogos automatizados impedem a interação direta com outras pessoas. (Scramingnon; Maia, 201?) (Reis; Ziegler, 2016)

A ausência de coletividade, somada à criatividade limitada desenvolvida, implica em diversas complicações. Quando esses algoritmos e jogos são acessados de forma descontrolada e excessiva, é inegável que a criança adquira habilidades computacionais; no entanto, esse resultado não é suficiente, pois a personalidade da criança é alterada. Tais crianças tornam-se estudantes que, durante o período de aprendizagem, enfrentam consideráveis desafios socioemocionais, incluindo a falta de comunicação eficiente, quase nenhuma habilidade para estabelecer amizades de convívio, além da dificuldade de desenvoltura e concentração em outras disciplinas e atividades educacionais. Essa situação decorre da lacuna criada pela falta de uma parte importante da vida, as frustrações e a superação dos medos (Reis; Ziegler, 2016) (Fuhr; Revasio, 2013). Pois, a internet não supre a sensação de nervosismo e excitação associada às primeiras vivências da infância; pelo contrário, muitas vezes, induz a uma reclusão no imaginário, que “provoca uma alienação nas crianças, uma vez que não conseguem diferenciar o real do virtual” (Fuhr; Revasio, 2013 p. 5) tornando-as dependentes desse meio.

Essa dependência pode ser correlacionada ao fato de a criança ser “estimulada por tantas imagens coloridas em pixels que formam confusões” (Eisenstein e Estefenon, 2013, p.3 *apud* Reis; Ziegler, 2016). Em outras palavras, a criança fica tão envolvida pelo que está assistindo que a compreensão dos conteúdos torna-se praticamente nula, gerando dificuldades de memória e concentração em outras esferas da vida, uma vez que essas áreas não oferecem estímulos tão cativantes e hormônios tão viciantes e imediatos como os proporcionados pela internet. Adicionalmente, essa intensidade de envolvimento com a tecnologia influencia diretamente o tempo dedicado a ela, visto que, embora a tecnologia em si não seja um problema, o excesso de uso se revela como um fator determinante para as transformações observadas no período da infância e suas consequências futuras. (Reis; Ziegler, 2016) (Carvalho; Sousa, 2023)

Consequentemente, em uma sociedade profundamente imersa na tecnologia e considerando a perspectiva de Walter Benjamin previamente mencionada, que

destaca a influência da sociedade e da época vivida nas experiências e concepções de cada fase da vida, percebe-se uma mudança evidente ocorrendo na infância. A incessante substituição da típica infância pela tecnologia terá impactos duradouros em todas as gerações subsequentes, afetando a saúde física, mental e social. (Maia; Scramingnon, 201?) (Costa; Paiva, 2015)

Diante da saúde física, esta é significativamente impactada devido ao uso excessivo e não supervisionado da internet, exercendo uma influência substancial na rotina de sono das crianças, que comprometem as horas essenciais de descanso em favor do tempo dedicado às telas. (Carvalho; Sousa, 2023) Ademais, o aumento substancial no uso da internet está diretamente associado a problemas resultantes da insuficiência de atividade física, como o desenvolvimento de sobrepeso e obesidade, uma vez que o uso da tecnologia contribui cada vez mais para o sedentarismo. (Egypto; Sousa; Viana, 2023) Além disso, manifestam-se questões como a síndrome do olho seco e dificuldades de leitura, podendo até mesmo desencadear problemas mais graves de visão. (Carvalho; Sousa, 2023) Não apenas isso, a saúde física também influencia nas habilidades cinestésicas, que compreendem a interconexão entre corpo e mente. Esses elementos operam de maneira conjunta, de modo que quando o corpo não está em equilíbrio, a mente tende a desregular também. (Costa; Paiva, 2015)

A saúde mental frequentemente se reflete por meio de sintomas como “irritação, angústia, ansiedade e agressividade” (Carvalho; Sousa, 2023, p.7) em crianças. Quando o estado psicológico é afetado e modificado, observamos que esse impacto não apenas está correlacionado ao tema pesquisado, o amadurecimento precoce perante as mídias sociais, mas também pode resultar em um atraso no desenvolvimento. Conforme previamente citado, isso pode acarretar em um “menor desempenho da capacidade social e redução de interação social” (Carvalho; Sousa, 2023), isto é, em um aumento crescente de incidência de retardos no desenvolvimento da linguagem oral em crianças, e ocasionalmente, em distúrbios do neurodesenvolvimento.

Abordando o fenômeno do amadurecimento precoce, este “pode impedir que a criança se desenvolva de forma plena, causando baixa autoestima, exibicionismo, adiantando a maturação afetiva e sexual” (Rocha, 2023, p.3). Esse adiantamento no processo de maturidade está intrinsecamente relacionado ao conceito de adultização precoce, que se caracteriza como o “processo de querer acelerar o

desenvolvimento das crianças para que se tornem o quanto antes adultas” (Rocha, 2023, p.2). As crianças, ao terem acesso a uma vasta quantidade de informações pela Internet, buscam cada vez mais replicar os comportamentos observados nos adultos, “como por exemplo: salão e concursos de beleza, mídias televisivas, semelhança entre gostos de adultos, como roupas da moda, músicas e filmes, exibição na internet e a maneira de falar são elementos que apontam o distanciamento da criança da própria infância.” (Rocha, 2023, p.7)

Indubitavelmente, a ocorrência do amadurecimento precoce e da adultização infantil se manifesta quando as crianças abstêm-se de participar de suas atividades usuais, transformando valores como inteligência e habilidades artísticas em conceitos obsoletos. Além disso, elas abandonam as interações lúdicas com seus amigos para se submeterem às influências da internet e a um estilo de vida altamente consumista. “A verdade é que nossas crianças estão sendo privadas de aproveitar a época mais feliz na vida de um ser humano”, denominada infância. (Dantas; Rodrigues, 2011, p.9)

#### 5.4 IMPACTOS DO COVID-19 NA INFÂNCIA

Desde muito antes da gripe espanhola, no século XX, a humanidade tem enfrentado diversas calamidades de saúde pública com repercussões globais. Durante o ano de 2020, emergiu a pandemia da COVID-19, desencadeada pelo vírus SARS-CoV-2. Desde o seu surgimento no final de 2019 na cidade de Wuhan, na China, o vírus se disseminou rapidamente, afetando milhões de pessoas em todo o mundo (Mauch *et al.*, 2020). Caracterizada por sintomas que variam de leves a graves, a doença respiratória causada pelo vírus impactou não apenas a saúde pública, mas também desencadeou preocupações sociais, econômicas e políticas no mundo todo.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) desempenhou um papel crucial no enfrentamento da doença, recomendando e apoiando a implementação de diversas medidas de isolamento para conter a propagação do vírus. Desde o início da crise, a OMS enfatizou a importância do distanciamento social, uso de máscaras, e outras estratégias destinadas a reduzir a transmissão da COVID-19. (Muchael; Rodrigues; Soares, 2023)

O período de isolamento e, por consequência, o distanciamento do convívio social se mostraram um dos maiores desafios enfrentados pela sociedade durante a pandemia. O alcance dessas medidas restritivas transcende a necessidade de conter a propagação do vírus, atingindo profundamente o âmbito social e emocional da sociedade. Muchael, Rodrigues e Soares (2023, p.6) evidenciam que “o isolamento social pode levar o indivíduo a desenvolver vários transtornos emocionais como estresse, ansiedade e pânico, pois o ser humano é um ser sociável e precisa se relacionar para se desenvolver, aprender, ensinar e criar vínculos”.

Diante do isolamento, as tecnologias, especialmente as TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), emergiram como o principal meio de convívio social, atuando de forma a minimizar os impactos negativos causados pelo período pandêmico. Além de proporcionar acesso à informação e facilitar a comunicação em tempo real, as mesmas também serviram como alicerce para a manutenção de aspectos fundamentais da vida cotidiana, garantindo que a aprendizagem e a saúde não fossem interrompidas devido ao isolamento. (Muchael; Rodrigues; Soares, 2023)

#### **5.4.1 Tecnologia, educação e tempo de exposição à tela**

A compreensão do que se entende por tecnologia, supera a percepção comum, indo além dos meros avanços digitais e mudanças visíveis do dia a dia, como o lançamento de novos smartphones. Sua concepção está diretamente entrelaçada com as transformações mais amplas e profundas experimentadas pela sociedade. Poderíamos dizer que: “a tecnologia abrange um conjunto organizado e sistematizado de diferentes conhecimentos, científicos, empíricos e intuitivos. Sendo assim, possibilita a reconstrução constante do espaço das relações humanas” (Miranda *et al.*, 2023, p. 39). Refletir sobre tecnologia é considerar a construção do conhecimento na sociedade. Desde a transição da pedra lascada para a pedra polida, até a criação do mais recente software de inteligência artificial, a tecnologia está diretamente conectada ao processo de aquisição de conhecimento e ao avanço do potencial humano.

Diante da desestabilização causada pela pandemia, a tecnologia amplia sua influência como o principal canal de comunicação e uma ferramenta indispensável

para a realização de atividades em diversos setores (Muchael; Rodrigues; Soares, 2023). Nesse contexto, foram desenvolvidos inúmeros sites, softwares, aplicativos e meios de comunicação a fim de minimizar o impacto nas atividades essenciais e interações sociais.

A educação e o processo de aprendizagem, áreas de importância global devido ao seu caráter formativo, foram significativamente impactadas pela propagação da pandemia. Segundo Bandura (2008 *apud* Muchael; Rodrigues; Soares, 2023), a aprendizagem é concebida como uma tríade envolvendo aluno, professor e meio social. A criança desenvolve seu conhecimento por meio da observação, experimentação e interação, construindo um mundo lúdico para si mesma a fim de interpretar os estímulos apresentados dentro da sociedade.

A impossibilidade do convívio social, levou educadores e instituições a se adaptarem rapidamente a modelos de ensino à distância. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (*apud* Egypto; Sousa; Viana, 2023, p. 102). “[...] aproximadamente 1,37 bilhão de alunos (80% da população estudantil mundial) de >130 países foram afetados por essas medidas de bloqueio, com abordagens digitais ou de e-learning substituindo a aprendizagem em sala de aula face a face”

Embora as crianças da nova geração demonstrem uma notável familiaridade e facilidade no uso de tecnologias, a pandemia ocasionou um aumento notável no tempo que as crianças passam em frente às telas, seja para participar de aulas virtuais, se envolver em atividades online ou manter contato com amigos. De acordo com Sedentary Behavior Research Network (*apud* Egypto; Sousa; Viana, 2023, p. 101) o tempo de tela é definido como: “a quantidade de tempo gasto no envolvimento com telas - como tablets, computadores ou smartphones - enquanto está sentado, em pé ou sendo fisicamente ativo”. O período médio de exposição às telas, conforme as diretrizes da Organização Mundial de Saúde (*apud* Egypto; Sousa; Viana, 2023), é sugerido como duas horas por dia. No entanto, um estudo conduzido por Carvalho e Sousa (2023) revelou que 36,9% das crianças consultadas fazem uso de dispositivos eletrônicos por cerca de 5 horas diárias. Número que era reduzido significativamente em 1,8% antes da pandemia.

Esse aumento, se mostra diretamente ligado às diversas possibilidades e funcionalidades desses dispositivos eletrônicos - como celulares, computadores e televisões - que se alinham à necessidade dos pais de manter as crianças

engajadas durante o período de isolamento. Ao questionar 193 crianças, Monteiro et al. (2021 *apud* Carvalho; Sousa, 2023, p. 7) evidenciou que: “Grande parte afirmou que o tempo de exposição à TV aumentou durante o confinamento e aproximadamente um quarto dos pais sentiram que as crianças aumentaram o tempo de uso de tablets e celulares durante o confinamento”.

Assim, a exposição prolongada das crianças a dispositivos eletrônicos tem se transformado em um tópico amplamente discutido na sociedade, devido à sua potencial influência nas consequências para o desenvolvimento infantil. Pesquisas realizadas sobre os impactos desse uso sugerem que:

o uso excessivo de mídias digitais pode ter efeitos positivos como a redução do problema de atenção, aumento do conhecimento de letras e habilidades de aprendizagem de treinamento, mas pode ter efeitos prejudiciais à saúde, como inatividade física, aumento do tempo sedentário, comportamentos alimentares desfavoráveis, sobrepeso, obesidade, curta duração do sono, sono não consolidado e atraso de linguagem (Egypto; Sousa; Viana, 2023, p. 101).

No entanto, Peixoto MJR et al. (2020 *apud* Carvalho; Sousa, 2023) evidencia que as consequências cognitivas se darão de forma diferenciada de acordo com a etapa da vida e o tempo de exposição às telas. No que diz respeito à faixa etária de 7 à 11 anos, chamada por Piaget (1952 *apud* Muchael; Rodrigues; Soares, 2023) de “Operatório-concreto”, a criança adquire a habilidade de reproduzir os estímulos que lhe são proporcionados. Assim, os principais efeitos destacados nesse estágio incluem a falta de interação social, o surgimento da violência, a moldagem da personalidade a partir dos personagens estereotipados dos jogos e até mesmo potenciais problemas de saúde (Fuhr; Ravasio, 2013).

Com o objetivo de diminuir os potenciais impactos do uso demasiado de telas por parte das crianças, os pais, enquanto figuras centrais na formação de seus filhos, devem colaborar com os pequenos na definição de limites para o tempo dedicado às telas (Câmara *et al.*, 2020). Ao sugerir atividades que integrem lazer e desenvolvimento, é possível não somente contribuir para o crescimento das crianças, mas também, proporcionar experiências significativas e enriquecedoras fora do mundo digital.

## **6 METODOLOGIA**

A abordagem metodológica adotada pautou-se em uma investigação qualitativa, “isto é, a informação coletada pelo pesquisador não é expressa em números, ou então os números e as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise.” (Dalfovo; Lana; Silveira, 2008, p. 9) “incluem também informações não expressas em palavras, tais como pinturas, fotografias, desenhos, filmes, video tapes e até mesmo trilhas sonoras” (Tesch, 1990 *apud* Dalfovo; Lana; Silveira, 2008, p. 9). Usufruiu também, do método exploratório, definido como “o primeiro contato que se tem com o grupo que se procura pesquisar, utilizando também fontes secundárias disponíveis”. (Santos, 1991 *apud* Révillion, 2003)

Inicialmente, foram realizados estudos perante artigos científicos, constituindo uma revisão bibliográfica que “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002 p. 44). Esse levantamento consistiu na identificação, análise e síntese das informações contidas nos artigos selecionados, permitindo uma compreensão e um amadurecimento acerca do tema pesquisado.

Além disso, com o propósito de adquirir informações e esclarecimentos sobre o problema de pesquisa, amadurecimento precoce perante as mídias sociais, e também de obter respostas para comprovação das nossas hipóteses, duas pesquisas de campo foram realizadas, sendo elas: um formulário e uma entrevista.

Optou-se pelo formulário devido a sua característica de “contato face a face entre pesquisador e informante” (Oliveira *et al.* 201?, p.9), o que facilita a aplicação com crianças, principalmente da faixa etária escolhida, de 8 a 12 anos. Com foco no conteúdo que elas consomem, foram elaboradas 12 perguntas dissertativas e objetivas (Apêndice A), visando o bom entendimento das 25 crianças dispostas a responder o formulário aplicado na Escola de Educação Básico Prof<sup>a</sup> Lilia Ayroso Oechsler de Jaraguá do Sul.

Sucessivamente, a entrevista, conceituada como uma “conversação efetuada face a face, de maneira metódica;” que “proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária.” (Oliveira *et al.* 201? p.11), foi realizada com a psicopedagoga de Jaraguá do Sul (Apêndice B), Gessica da Silva Liebl, que nos proporcionou informações mais precisas acerca do amadurecimento da criança. Tudo ocorreu de forma online por meio do aplicativo Google Meet, onde Gessica nos forneceu respostas detalhadas com base em seu conhecimento prévio, explicando minuciosamente sobre o âmbito intelectual e social infantil.

Essa abordagem diversificada resultou em uma análise rica e completa do tema pesquisado, aprimorando nosso entendimento do fenômeno.

## **7 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Conforme a metodologia adotada, serão analisados a seguir os dados obtidos através da aplicação do formulário e da entrevista com a psicopedagoga. Buscamos através da correlação entre ambos, obter concepções e conclusões a respeito do tema proposto: o amadurecimento precoce perante as mídias sociais.

Inicialmente, para que houvesse um esclarecimento acerca de termos essenciais para o desenvolvimento do estudo, foram realizadas perguntas gerais no que diz respeito à temática escolhida. O primeiro questionamento, tratou do entendimento dos termos “mau uso e excesso de uso das redes sociais”, no qual a psicopedagoga Gessica aponta estar ligado principalmente à falta de monitoramento e direcionamento dos pais ou responsáveis ao conteúdo que as crianças devem acessar. Ela expõe também que as telas passam uma falsa sensação de conforto e segurança, onde “a família muitas vezes prefere deixar ali e ir fazer outra coisa na correria do dia-a-dia, achando que é seguro, que eles irão estar protegidos e frequentemente não estão atentos no que a criança está assistindo, fazendo, acessando, ou com quem está conversando”.

Afirmando tal constatação, Souza e Carvalho (2023) enfatizam que é crucial ter cautela em relação às tecnologias que as crianças utilizam e a maneira que a fazem. Destacam ainda que o uso excessivo de telas na primeira infância está associado a atrasos no desenvolvimento, dificuldades sociais, descontrole emocional, incluindo comportamentos agressivos e ansiosos, além de perturbações do sono. Problemas estes, resultantes da exposição a conteúdos inadequados e do uso precoce e excessivo de dispositivos eletrônicos.

Gessica acrescenta que uma das consequências do mau uso, é a rapidez com que as crianças podem acessar uma variedade de conteúdos. Ela diz: “acontece tudo muito rápido, então a criança pega ali coloca no vídeo, vai para o próximo, nisso de um vídeo ela vai para o outro e quando vê, a criança está em algo totalmente fora da ideia inicial em que ela estava, vendo coisa que não é mais adequada para a faixa etária dela”. Gessica também aponta que essa agilidade e facilidade que a criança tem em passar o vídeo, muitas vezes está ocasionando o

que ela chama de “ansiedade infantil”. Ela diz a respeito: “Hoje no celular vem uma propaganda e eles ficam desesperados tentando passar, sem conseguir esperar 3 segundos para poder pular o anúncio. É uma ansiedade, uma falta de conseguir esperar que está fora do comum. É tudo muito imediato.”

Aproximadamente 36% das 25 crianças entrevistadas relataram não obter supervisão dos pais ou responsáveis em relação ao conteúdo consumido nas redes sociais, enquanto 64% afirmam ter monitoramento sobre o aparelho eletrônico. A ausência de monitoramento parental pode acarretar experiências prejudiciais para o desenvolvimento das crianças, já que como citado anteriormente, as mesmas ficam suscetíveis a conteúdos inadequados a sua faixa etária. Arraias, Pereira (2017), Costa e Paiva (2015), expõem que cabe aos pais e também a escola realizar o acompanhamento dos conteúdos consumidos pelos pequenos e estabelecer regras e horários de maneira conjunta com a criança, a fim de criar uma boa relação com a utilização dos aparelhos eletrônicos e suas competências.

Uma pesquisa realizada pela Secretaria Executiva da Rede Nacional Primeira Infância (2004 *apud* Costa; Paiva, 2015, p. 1 e 2) evidência que:

o uso excessivo dos aparelhos eletrônicos quando são utilizados de forma indiscriminada trazem grandes riscos para a saúde física, mental e social das crianças, no entanto, viu-se que a ansiedade e agressividade está presente tanto no que refere-se a abstinência ao uso da tecnologia como na utilização frequente dos dispositivos eletrônicos que substituem gradativamente as atividades lúdicas tradicionais nas quais tem a capacidade de favorecer o aspecto interpessoal, afetividade e disciplina, uma vez que, o contato físico promove a ampliação das habilidades sinestésicas.

O tempo passado em frente às telas é também um dos fatores de influência no que diz respeito ao mau uso das redes sociais por parte do público infantil. Quanto a isso, o recomendado pela psicopedagoga é o uso fracionado, sendo 40 min em cada período determinado pelos responsáveis (manhã, tarde e noite). De modo que não interfira nos estudos e demais atividades lúdicas, sendo encarado como forma de lazer. “Recomendo 40 minutos por período, pois sabemos que não tem como tirar totalmente as telas, está muito no nosso cotidiano, todo mundo usa. Seria até um pouco hipócrita falar ‘eu não vou dar tela para ele’ mas senta e fica na tela por horas também”, menciona Gessica.

Cerca de 45,4% das crianças entrevistadas relataram utilizar celulares e aparelhos eletrônicos entre 3 e 4 horas diárias (Figura 1). Um período notavelmente alto quando comparado às recomendações de Gessica e de autores, como Florindo,

Guerra e Júnior (2018, p. 2) que apontam que “o volume diário igual ou superior a duas horas de televisão está associado a diversos malefícios à saúde, como níveis elevados de peso corporal, diminuição da aptidão física, baixos escores de autoestima e piora no desempenho estudantil”.

Quantas horas por dia você utiliza o celular?  
22 respostas

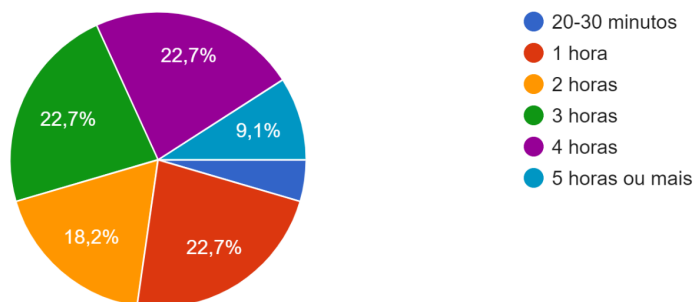


Figura 1: “Quantas horas por dia você utiliza o celular?”

Considerando que o uso inadequado de aparelhos eletrônicos é caracterizado pela ausência de supervisão e por longos períodos de exposição, questionamos a psicopedagoga sobre como essa prática afeta o desenvolvimento infantil. As consequências apontadas foram as dificuldades no desenvolvimento da coordenação motora e na habilidade de comunicação. Bem como, o potencial surgimento de problemas de saúde como o sedentarismo e a compulsão alimentar. Souza e Veríssimo (2015 *apud* Muchael; Rodrigues; Soares, 2023) enfatizam que a infância é um dos períodos de maior importância para o desenvolvimento humano. Durante esse processo contínuo e progressivo, os indivíduos passam por uma série de mudanças nas áreas motoras, cognitivas, psicossociais, emocionais, linguísticas e no desempenho de seus papéis sociais. Portanto, é de grande importância que essa fase seja vivenciada de maneira saudável e tranquila. Em uma entrevista para o site iG (*apud* Arrais; Pereira, 201? p. 5), o pediatra Antônio Carlos de Souza Aranha cita que:

É importante que a criança desenvolva primeiramente a criatividade e o raciocínio para depois utilizar os meios eletrônicos livremente, sem se tornar dependente da tecnologia. Hoje em dia as crianças são cada vez mais consumidoras e menos criativas em todos os níveis – ação, emoção e pensamento – e isso é um grande perigo.

Um exemplo prático apresentado por Gessica, referente às consequências do uso excessivo dos aparelhos eletrônicos, é quando em um ambiente com demais pessoas, a criança parece desinteressada em se comunicar. Quando questionada, a mesma não responde, como se estivesse tão absorta na internet a ponto de não ouvir. A psicopedagoga também destaca a problemática acerca da utilização das telas durante a alimentação, momento em que a família tem oportunidade de dialogar e incentivar o desenvolvimento de diversas habilidades, como a do próprio diálogo.

Dentre as crianças entrevistadas, 92% afirmam ter seu próprio aparelho eletrônico (Figura 2), o que destaca a inserção cada vez mais precoce dos pequenos ao mundo das tecnologias. De tal forma, elas ficam mais suscetíveis às consequências ocasionadas por este uso, as quais podem perdurar até a idade adulta.

Você tem seu próprio aparelho eletrônico (celular, tablet, notebook, entre outros), ou usa o do seus pais?  
25 respostas

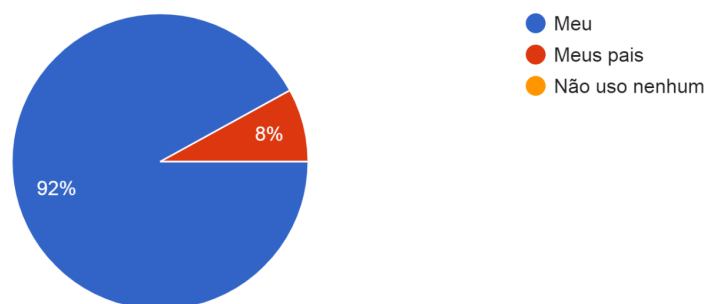


Figura 2: “Você tem seu próprio aparelho eletrônico (celular, tablet, notebook, entre outros), ou usa o do seus pais?”

Buscando responder às hipóteses propostas, foi questionado a psicopedagoga quais as alterações observadas no comportamento das crianças em decorrência do aumento do uso de aparelhos eletrônicos durante a pandemia de Covid-19. Gessica apontou que a principal diferença notada diz respeito ao desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Ela observa que crianças que estavam na fase de desenvolvimento da fala e alfabetização, não receberam os estímulos necessários durante esse período, resultando em desafios contínuos nesses aspectos.

Durante o auge da pandemia de COVID-19, os dados relacionados ao tempo de uso de aparelhos eletrônicos por crianças, apresentaram um crescimento notável. Uma pesquisa publicada pela Revista Eletrônica Acervo Saúde (Sousa; Carvalho, 2023) apontou que cerca de 36,9% das crianças entrevistadas utilizavam dispositivos eletrônicos por pelo menos 5 horas diariamente durante o período pandêmico, número que era reduzido a apenas 1,8% no período que precede a pandemia. Este aumento vai de encontro com as crianças entrevistadas, onde cerca de 40% apontam não ter tempo limitado para o uso de aparelhos eletrônicos. Fato que, como já mencionado, pode acarretar efeitos prejudiciais para o bem-estar infantil.

Você tem tempo limitado para usar seu aparelho eletrônico, ou usa o quanto quiser?  
25 respostas

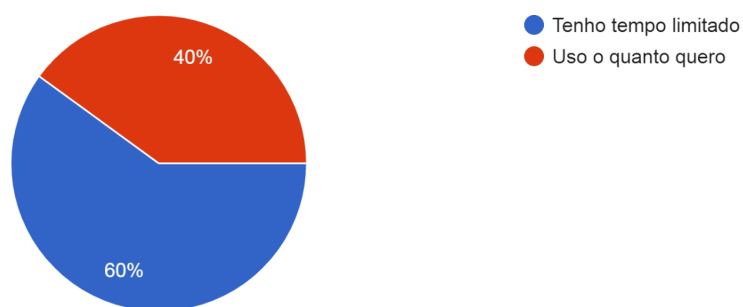


Figura 3: “Você tem tempo limitado para usar seu aparelho eletrônico, ou usa o quanto quiser?”

Consecutivamente, questionamos a psicopedagoga sobre os impactos diretos que o consumo destes conteúdos pode ter no cotidiano das crianças. Ela destaca: “As crianças são reprodutoras do que consomem, a partir do momento que começam a consumir conteúdos principalmente violentos, elas reproduzem isso”. Reforçando a constatação de Gessica, em seus estudos, Piaget (*apud* Muchael; Rodrigues; Soares, 2023) classifica o desenvolvimento do indivíduo em quatro estágios. Onde o período compreendido entre 7 e 11 anos, está relacionado com o desenvolvimento do que ele chama de “inteligência operatória concreta”. Nesse estágio, a criança é capaz de realizar ações interiorizadas, mas ainda depende de objetos concretos como ponto de referência. Isso significa que ela agora é capaz de compreender e reproduzir estímulos, sejam eles positivos ou negativos.

Ferreira e Rocha (2023), define o amadurecimento precoce infantil como a privatização do processo de desenvolvimento da criança, o que, muitas vezes, resulta na maturação afetiva e sexual. Fato que é evidenciado no relato de Gêssica: “A questão do cunho sexual também. Podemos ver hoje em dia crianças pequenas (2, 3 anos) com roupas, formas e atitudes de adolescentes, mocinhas. [...] Tem bastante crianças que vem falando ‘fulano é meu namorado’. Não, criança não namora. Quem namora é adulto, criança não tem namorado. É aí onde acaba se perdendo, as redes sociais acabam puxando isso. No tiktok, por exemplo, são nichos muitos variados e a criança ao observar isso tenta reproduzir o que está consumindo.”

Um exemplo prático mencionado pela psicopedagoga, acerca da reprodução de comportamentos espelhados nos conteúdos consumidos, diz respeito a série de televisão “Round 6”, que apresenta classificação indicativa para maiores de 18 anos. Na narrativa, o jogo “Batatinha frita 1 2 3” é apresentado de forma violenta, e é comumente reproduzido pelas crianças. “Claro que devemos ter um filtro para entender que nem tudo que a criança está reproduzindo é o que ela realmente gostaria de fazer, mas são os tipos de brincadeiras que começam a ficar mais agressivos”, cita Gessica. Dentre as 25 crianças entrevistadas, 10 dentre elas dizem ter assistido a série completa (Figura 4), as demais alegam ter ouvido falar do programa, ou assistido trechos nas redes sociais.

Quais dessas séries você já assistiu?

24 respostas

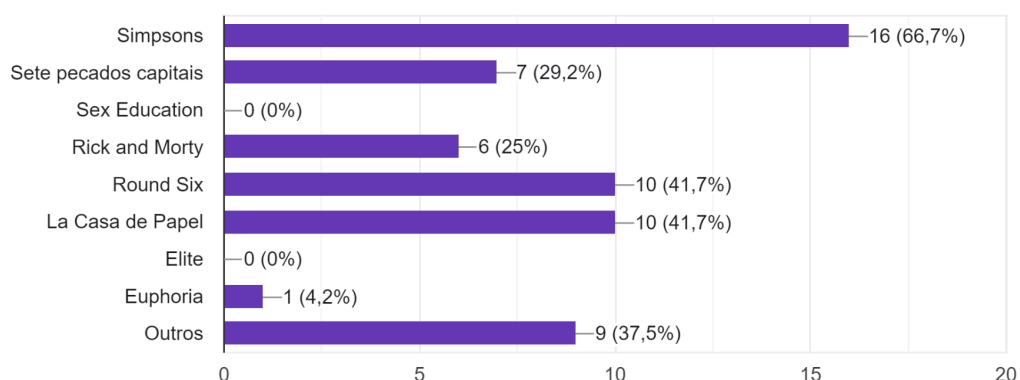
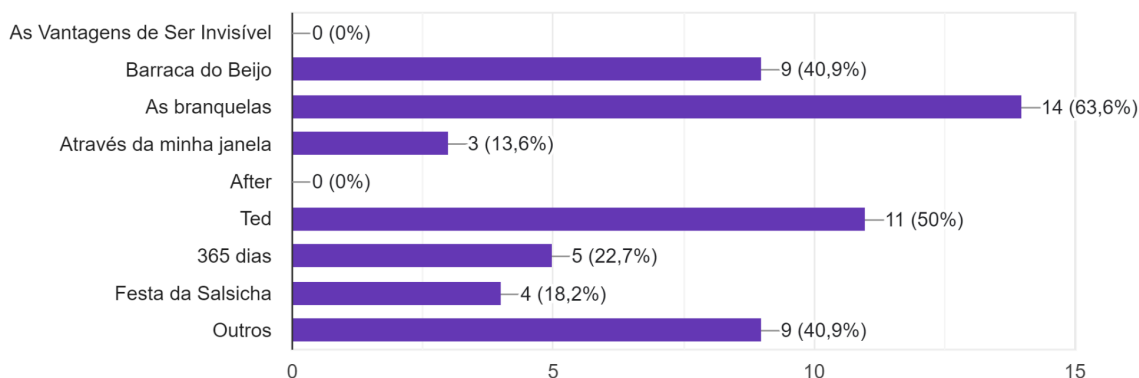


Figura 4: “Quais dessas séries você já assistiu?”

Quais destes filmes você já assistiu?

22 respostas



“Figura 5: Quais destes filmes você já assistiu?”

Também foi observado que, entre as crianças entrevistadas, aquelas que afirmaram ter assistido a programas com classificação indicativa de idade superior à sua própria, se destacaram as crianças que anteriormente alegaram não ter supervisão parental sobre os conteúdos assistidos. Reforçando a ideia de que a falta de monitoramento deixa a criança suscetível ao consumo de conteúdos não adequados.

Em última análise, indagamos quais tipos de conteúdo seriam adequados para crianças com idades entre 8 e 12 anos. Ela respondeu da seguinte forma: “Na realidade, não há uma resposta pronta para isso. Não tem como falar ‘tutoriais de artesanato’ sendo que para mim pode ser legal, para você não; você pode preferir de culinária, por exemplo.”

Gessica também observou que a plataforma de vídeos YouTube é uma das mais adequadas em termos de supervisão parental, pois oferece maior controle sobre os vídeos que podem ser assistidos pelos pequenos, em comparação com outras plataformas. Ao questionar as crianças entrevistadas sobre as plataformas que elas utilizam, Youtube e TikTok se destacaram, sendo ambos com classificação indicativa para 12 anos. Uma pesquisa realizada pelo TIC Online Kids Brasil (2014), apontava já no ano de 2013, que 69% das crianças entrevistadas entre 9 e 10 anos, relataram possuir perfis em redes sociais variadas. No que diz respeito as 25 crianças entrevistadas, 24 afirmam utilizar redes sociais, como ilustrado no gráfico abaixo (Figura 6):

Você usa redes sociais?

25 respostas

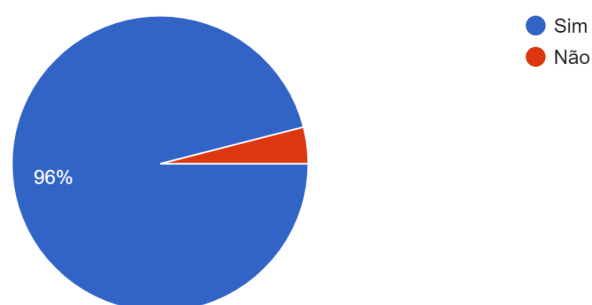


Figura 6: "Você usa redes sociais?"

Quais?

24 respostas

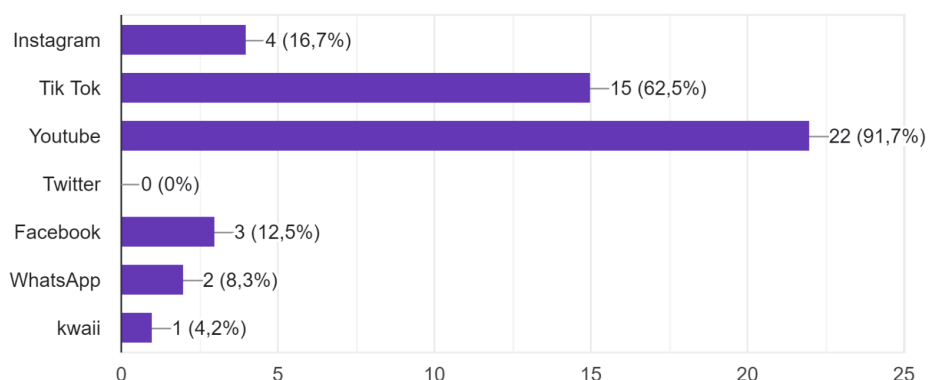


Figura 7: "Quais?"

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender de que forma a má utilização das redes sociais durante a infância pode impactar os aspectos sociais e intelectuais das crianças, através da busca em materiais de leitura e da aplicação da metodologia proposta. Diante da análise e discussões dos dados, foi considerado que o objetivo desta pesquisa foi alcançado. Através do formulário aplicado com 25 crianças entre 8 e 12 anos de idade, e da entrevista realizada com a psicopedagoga Gessica da Silva Liebl, foi possível a análise de todas as hipóteses previstas no projeto de pesquisa.

No que se refere à validação da primeira hipótese, notou-se que durante o período da pandemia do Covid-19, houve um aumento expressivo no uso de dispositivos eletrônicos pelas crianças, e por consequência, uma intensificação significativa no uso das redes sociais pelos mesmos. Os dados coletados nas leituras realizadas destacaram a influência direta do uso das redes sociais no cotidiano das crianças, revelando uma mudança significativa na forma como elas se relacionam com esses meios. Corroborando assim, para a confirmação da primeira hipótese prevista no projeto de pesquisa.

No contexto da segunda hipótese, que procurava compreender se o uso das redes sociais sem supervisão parental poderia resultar no consumo de conteúdos inadequados para a faixa etária, constatou-se, por meio da aplicação do formulário, uma associação relevante: Algumas crianças que relataram não obter supervisão parental, são as mesmas que mencionaram ter assistido a filmes e séries classificados fora da sua faixa etária recomendada. Essa correlação, evidencia a importância de uma relação de monitoramento por parte dos responsáveis da criança, e traz fatos para a comprovação da segunda hipótese proposta.

No que se refere a terceira hipótese, que visava compreender se este consumo de conteúdos impróprios ocasionaria um amadurecimento precoce intelectual e social da criança, encontrou-se uma ambiguidade de informações. As respostas da psicopedagoga, embora tenham confirmado parcialmente a presença de amadurecimento precoce, sugeriram também a ideia de possíveis atrasos no desenvolvimento da criança. Gessica propôs que o acesso a conteúdos não adequados para a faixa etária não apenas introduz práticas mais maduras, mas também prejudica a evolução de habilidades específicas desenvolvidas durante a infância. Assim, a terceira hipótese pode ser considerada incompleta, pois as consequências observadas não se limitam exclusivamente ao amadurecimento precoce, mas também englobam o atraso no desenvolvimento das crianças.

Com base no conhecimento acumulado ao longo dos três semestres de pesquisa, através das leituras realizadas e aplicação da metodologia, é possível compreender as implicações do uso inadequado das redes sociais na infância. Dessa forma, é plausível concluir que além dos atrasos no desenvolvimento, o amadurecimento precoce infantil pode estar diretamente relacionado com o uso inadequado das redes sociais durante esse período.

## REFERÊNCIAS

CÂMARA, Hortência Veloso; COUTO, Giullia Bianca Ferracolli do; DIAS, Adriana Keila; LOURENÇO, Letícia Kristine; MARKUS, Glaucya Wanderley Santos; PEREIRA, Myreya Lina Sardinha; PEREIRA, Reobbe Aguiar. Principais prejuízos biopsicossociais no uso abusivo da tecnologia na infância: percepções dos pais. **Revista Id on Line, Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v.14, N 51, 2020. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2588/4088> . Acesso em: 20 out. 2023.

CARVALHO, José Bégue Moreira de; SOUSA, Lucas Lopes. Uso abusivo de telas na infância e suas consequências. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**. Paraíba: Patos, fev. 2023. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/11594/7066> . Acesso em: 25 out. 2023

Centro Regional de Estudos para o desenvolvimento da Sociedade da informação sob os auspícios da UNESCO. **Pesquisa TIC Kids Online 2013**: Pesquisa sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil. Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação sob os auspícios da UNESCO, 2014. Disponível em: [https://cetic.br/media/analises/TIC\\_kids\\_online\\_2013\\_hangout\\_imprensa.pdf](https://cetic.br/media/analises/TIC_kids_online_2013_hangout_imprensa.pdf) . Acesso em: 30 set. 2023.

COSTA, Johnatan da S.; DE PAIVA, Natália M. A influência da tecnologia na infância: Desenvolvimento ou ameaça? **Revista Psicologia**. PT: O portal dos psicólogos, Piauí: Teresina, jan. 2015. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf> . Acesso em: 13 nov. 2022.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v. 2, n.4, p.01-13, 2008. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/view/17591/11376>. Acesso em: 03 out. 2023.

DANTAS, José Guibson; RODRIGUES, Emanuelle Gonçalves Brandão. Infância midiaticizada: a difícil tarefa de ser criança em tempos de globalização. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Alagoas: Maceió, jun. 2011. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0134-1.pdf> . Acesso em: 07 out. 2023

EGYPTO, Ilana Andrade Santos do; SOUSA, Milena Nunes Alves de; VIANA, Lana Beatriz de Oliveira P. V. Impactos do Aumento do Tempo de Exposição às Telas Digitais na Infância Durante a Pandemia da Covid-19. **Revista. CES Salud Pública y Epi**. 2023. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Milena-Sousa/publication/371379366\\_Impactos\\_do\\_aumento\\_do\\_tempo\\_de\\_exposicao\\_as\\_telas\\_digitais\\_na\\_infancia\\_durante\\_a\\_pandemia\\_da\\_Covid-19/links/6481a583d702370600db5fe0/Impactos-do-aumento-do-tempo-de-exposicao-as-telas-digitais-na-infancia-durante-a-pandemia-da-Covid-19.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Milena-Sousa/publication/371379366_Impactos_do_aumento_do_tempo_de_exposicao_as_telas_digitais_na_infancia_durante_a_pandemia_da_Covid-19/links/6481a583d702370600db5fe0/Impactos-do-aumento-do-tempo-de-exposicao-as-telas-digitais-na-infancia-durante-a-pandemia-da-Covid-19.pdf) . Acesso em: 18 out. 2023.

FORTIM, Ivelise. Aspectos psicológicos do uso patológico de internet. **Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC**, São Paulo, 12 abr. 2013. p 1-178. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15253>. Acesso em: 24 out. 2023.

FUHR, Ana Paula de Oliveira; RAVASIO, Marcele Homrich. Infância e Tecnologia: Aproximações e Diálogos. **ETD Educação Temática Digital**, v.15, n.2. São Paulo: Campinas, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/etd/v15n02/v15n02a02.pdf> . Acesso em: 29 set. 2023

GIL, Antonio C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. **Editora Atlas**. 4. ed. São Paulo, 2002. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo\\_C1\\_como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa\\_-\\_antonio\\_carlos\\_gil.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf). Acesso em: 03 nov. 2023.

GUERRA, Paulo Henrique; JÚNIOR, José Cazuzza de Farias; FLORINDO, Alex Antonio. **Comportamento sedentário em crianças e adolescentes brasileiros**: Revisão sistemática, Revista

de Saúde Pública, 28 jul. 2015. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/rsp/a/xS7tGh3hGyLfYKXPf7NFBnJ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 19 out. 2023.

MAIA, Maia Nidia Varella Gomes; SCRAMINGNON, Gabriela Barreto da Silva. **A concepção de infância por Walter Benjamin**. Rio de Janeiro. Disponível em:  
[https://www.grupoinfoc.com.br/publicacoes/congressos/c61\\_Maia\\_MNV\\_SCRAMINGNON\\_G\\_B\\_S\\_A\\_concepcao\\_de\\_infancia\\_em\\_Walter\\_Benjamin.pdf](https://www.grupoinfoc.com.br/publicacoes/congressos/c61_Maia_MNV_SCRAMINGNON_G_B_S_A_concepcao_de_infancia_em_Walter_Benjamin.pdf) . Acesso em: 28 out. 2023

MAUCH, Ana Gabriela Duarte, et al. A utilização das redes sociais no cuidado psicossocial infantojuvenil, diante da pandemia do Covid-19. **Health Residencies Journal - HRJ**, v.1, n.2, 2020. Disponível em: <https://escsresidencias.emnuvens.com.br/hrj/article/view/12/17>. Acesso em: 18 out. 2023.

MENEZES, Sandra Maria Moreira de. **Adultização da infância pela mídia: Uma leitura sócio-histórica**. Revista Psicologias, v. 2, 2016. Disponível em:  
<https://teste-periodicos.ufac.br/index.php/psi/article/view/269> . Acesso em: 15 out. 2023.

MIRANDA, Nonato A.; SILVA, Dirceu da; SIMON, Fernanda O.; VERASZTO, Estéfano V.; Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. **Revista Prisma**, N 8, 2009. Disponível em:  
<http://aleph.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2065/1901> . Acesso em: 27 out. 2023.

MORAIS, Rosângela Maria Rodrigues Medeiros Mitchell de; SOARES, Rebeca Rodrigues. Abandono Digital: A responsabilidade parental diante dos perigos das redes sociais à luz da LGPD e do marco civil da internet para a proteção integral da criança e do adolescente. **Revista de Estudos Jurídicos do UNI-RN**, N 6, 2022. Disponível em:  
<http://www.revistas.unirn.edu.br/index.php/revistajuridica/article/view/834/> . Acesso em: 19 out. 2023.

MUCHAEL, Maria Leticia Pinto Dicuch; RODRIGUES, Lucélia Cerqueira da Silva; SOARES, Nandra Martins. Tecnologia e aprendizagem: uma realidade durante a pandemia do covid-19. **Revista Científica Multidisciplinar**, v.4, n. 3, 2023. Disponível em:  
<https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/2977> . Acesso em: 23 out. 2023.

NASCIMENTO, Cláudia Terra do; BRANCHER, Vantoir Roberto; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. **Revista Contexto & Educação**. v. 23, n.79, 2008. Disponível em:  
<https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1051>. Acesso em: 02 nov. 2023.

OLIVEIRA, José Clovis Pereira de, et al. O questionário, o formulário, e a entrevista como instrumentos de coleta de dados: vantagens e desvantagens do seu uso na pesquisa de campo em ciências humanas. [sec XXI]. Disponível em:  
[https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALHO\\_EV056\\_MD1\\_SA13\\_ID8319\\_03082016000937.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALHO_EV056_MD1_SA13_ID8319_03082016000937.pdf). Acesso em: 26 set. 2023.

Oxford Languages. [S. l.]: **Oxford University Press**, 2023. Disponível em:  
<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt-en/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

PAIVA, Natália Moraes Nolêto de; COSTA, Johnatan da Silva. **A influência da tecnologia na infância: Desenvolvimento ou ameaça?**. O portal dos psicólogos, 02 jan. 2015. Disponível em:  
<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf>. Acesso em: 23 out. 2023.

PEREIRA, Benizaquia da Silva; ARRAIS, Thales Siqueira. **A influência das tecnologias na infância: Vantagens e desvantagens**. Disponível em:  
[https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/ceduce/2015/TRABALHO\\_EV047\\_MD1\\_SA6\\_ID1138\\_04052015165328.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/ceduce/2015/TRABALHO_EV047_MD1_SA6_ID1138_04052015165328.pdf). Acesso em: 16 out. 2023.

REIS, Cristiane M. da Silva; ZIEGLER, Mariani Martins Até que ponto os aparelhos eletrônicos ajudam e/ou atrapalham no desenvolvimento infantil? **Revista Uma Nova Pedagogia para a Sociedade Futura**, 2016. Disponível em:  
<https://reciprocidade.emnuvens.com.br/novapedagogia/article/view/191> . Acesso em: 01 nov. 2023

RÉVILLION, Anya Sartori Piatnicki. A utilização de pesquisas exploratórias na área de marketing. **RIMAR - Revista interdisciplinar de marketing**, v. 2, n. 2, jul/dez de 2003. p 21-37. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rimar/article/view/26692>. Acesso em: 21 nov. 2022

ROCHA, Rita de Cássia Luiz da. **História da Infância**: reflexões acerca de algumas concepções correntes. 2002, v. 3. Monografia (Especialização) - Curso de Pedagogia, Unicentro, Guarapuava, 2002. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Rita-De-Cassia-Da-Rocha/publication/292993991\\_HISTORIA\\_DA\\_INFANCIA\\_REFLEXOES\\_ACERCA\\_DE\\_ALGUMAS\\_CONCEPCOES\\_CORRENTES/links/56b4c9bd08ae3c1b79aaf32b/HISTORIA-DA-INFANCIA-REFLEXOES-ACERCA-DE-ALGUMAS-CONCEPCOES-CORRENTES.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Rita-De-Cassia-Da-Rocha/publication/292993991_HISTORIA_DA_INFANCIA_REFLEXOES_ACERCA_DE_ALGUMAS_CONCEPCOES_CORRENTES/links/56b4c9bd08ae3c1b79aaf32b/HISTORIA-DA-INFANCIA-REFLEXOES-ACERCA-DE-ALGUMAS-CONCEPCOES-CORRENTES.pdf). Acesso em: 28 ago. 2023.

ROCHA, Ávila Nara de Souza; FERREIRA, Bruna Milene. **Adultização precoce nas mídias contemporâneas**: por onde anda a responsabilidade familiar?. Revista acadêmica educação e cultura em debate, v. 9 n.1, 2023. Disponível em: <https://unifan.edu.br/revistas/index.php/RevistaISE/article/view/990>. Acesso em: 01 nov. 2023.

SCHWAB, Klaus. **A Quarta Revolução Industrial**. World Economic Forum, 2016. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=XZSWDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT161&dq=quarta+revolu%C3%A7%C3%A3o+industrial+klaus&ots=Ya690wQFbb&sig=th9BARsTTErcibZbtze7z6nE4dc#v=onepage&q&f=false> . Acesso em: 5 nov. 2023.

SOUZA, Lucas Lopes; CARVALHO, José Bégue Moreira De. **Uso abusivo de telas na infância e suas consequências**. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/11594/7066>. . Acesso em: 20 set. 2023.

Vade Mecum Brasil. [S. I.]: [S.N.], 2023. Disponível em: <https://vademezumbrasil.com.br/dicionario-juridico>. Acesso em: 22 fev. 2023.

## APÊNDICE A - Questionário sobre o consumo e monitoramento das redes sociais na infância

Qual sua idade?

---

1) Você usa redes sociais?

Sim  Não

2) Quais

Instagram

TikTok

Youtube

Twitter

Facebook

Outro: \_\_\_\_\_

3) Você tem seu próprio aparelho eletrônico (celular, tablet, notebook, entre outros), ou usa o dos seus pais?

Meu aparelho eletrônico  Dos meus pais/responsáveis  Não uso aparelho eletrônico

4) Você tem tempo limitado para usar seu aparelho eletrônico, ou usa o quanto quiser?

Tenho tempo limitado  Uso o quanto quero

5) Quantas horas por dia você utiliza o celular?

R: \_\_\_\_\_

6) Seus pais olham seu aparelho eletrônico?

Sim  Não

7) Você posta fotos ou vídeos nas redes sociais?

Sim  Não

8) Se sim, o que você costuma postar?

R: \_\_\_\_\_

9) Assinale quais você mais gosta de assistir:

Comédia

Moda

Esportes

Filmes/ Séries

Jogos

- Música
- Podcasts

Outro: \_\_\_\_\_

10) Quais desses filmes e séries você já assistiu?

Séries:

- Simpsons
- Sete pecados capitais (anime)
- Sex education
- Rick and Morty
- Round six
- La casa de papel
- Elite
- Euphoria

Outros: \_\_\_\_\_

Filmes:

- As vantagens de ser invisível
- Barraca do beijo
- As branquelas
- Através da minha janela
- After
- Ted
- 365 dias
- Festa da Salsicha

Outros: \_\_\_\_\_

11) Escreva seu Youtuber, Influencer ou TikToker favorito

R: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B- Perguntas à psicopedagoga

### CONCEITUAIS E AMPLAS

1. O que seria o conceito de mau uso e excesso de uso das redes sociais para você?

“O mau uso seria o uso fora da faixa etária, eu atendo muitas crianças aqui, tem uma criança de 5 anos que ela veio falando do “Choo Choo Charles”, ela fala bastante dele, eu estava pensando ‘esse “Choo Choo Charles” deve ser o novo “Thomas e Seus Amigos”’, quando eu acessei esse “Choo Choo Charles” eu vi que ele é um trem que mata pessoas, ele destripa as pessoas e começa a tirar os órgãos de dentro, imagine uma criança de 5 anos acessando um conteúdo desse cunho. O uso sem essa responsabilidade dos pais, sem os pais estarem acompanhando é um dos principais fatores para esse mau uso dessas tecnologias, acontece tudo muito rápido, então a criança pega ali coloca no vídeo, vai para o próximo, nisso de um vídeo ela vai para o outro e quando vê a criança está em algo totalmente fora da ideia inicial em que ela estava, vendo coisa que não é mais adequada para a faixa etária dela.

A família às vezes prefere deixar ali e ir fazer outra coisa na correria do dia-a-dia, as mães acabam tendo que fazer um almoço, lavar uma roupa e acabam achando que é seguro que eles irão estar protegidos e muitas vezes não estão atentos no que a criança está assistindo, fazendo, acessando, ou com quem está conversando.

Essa mesma agilidade e facilidade que a criança tem em passar o vídeo, está criando muito uma certa ansiedade infantil, as crianças estão com dificuldade em saber esperar. Antigamente (“na minha época”), quando assistia desenho na TV e vinha uma propaganda, não tinha o que fazer, apenas esperar. E hoje não, no celular vem uma propaganda e eles ficam desesperados tentando passar, sem conseguir esperar 3 segundos para poder pular o anúncio. É uma ansiedade, uma falta de conseguir esperar que está fora do comum. É tudo muito imediato: não está interessante, passo.

Assim como também no instagram ou no tiktok, a criança colocou um vídeo e se em dois segundos não chamou atenção já passa: algo momentâneo e instantâneo.

As crianças estão deixando de aprender a esperar, acham que é tudo assim: “não estou gostando então irei passar e ir para outro lugar”, eles não têm esse discernimento.”

2. Qual seria o limite de uso da internet para uma criança, ou seja, indivíduo de 8 a 12 anos?

“Atendo muitas crianças com dificuldade no processo de aprendizagem, com hiperatividade, tdah... minha recomendação para as famílias são 40 minutos por período no máximo, fracionando o tempo (de manhã: escola, não utiliza do celular, de tarde: 40 minutos, de noite: 40 minutos). Para evitar esse desgaste, como já são crianças com dificuldade de aprendizagem e de concentração, hiperatividade, isso dificulta cada vez mais. Quanto mais usa a tela, mais dificuldade adquire.

Recomendo 40 minutos por período, pois sabemos que não tem como tirar totalmente as telas, está muito no nosso cotidiano, todo mundo usa, seria até um pouco hipócrita falar ‘eu não vou dar tela para ele’ mas senta e fica na tela por horas também.

Então sabemos que o uso das telas existe, as famílias precisam aprender a lidar com ele de forma saudável. Vale ressaltar que não deve ter o uso de telas a noite nas duas horas antecedentes ao dormir, para ter uma noite de sono saudável, pois as telas interferem no sono (na questão da hiperatividade, da ansiedade, até mesmo da depressão infantil).”

3. Você acredita que poderia tornar isso saudável? As telas poderiam ser usadas de maneira benéfica para a criança com o monitoramento dos pais?

“Em períodos reduzidos e com monitoração e supervisão dos pais, seria como se fosse um lazer mesmo, como nós também utilizamos”.

4. Como você enxerga que o uso não saudável das redes sociais afeta o desenvolvimento da criança?

“O uso excessivo já é comprovado cientificamente, as consequências que ele trás com o desenvolvimento motor, por que as crianças: pensando em uma família que deixa a criança na tela, a criança acaba não desenvolvendo as habilidades que ela precisa desenvolver de coordenação motora, fina, ampla... (de saltar com os dois pés).

O uso excessivo, quanto mais sedentária a criança fica, menos ela consegue desenvolver as habilidades motoras dela. Sem falar na habilidade social, um exemplo disso é quando as crianças parecem ‘zombies digitais’, onde ela entra no ambiente com o celular na mão, alguém fala com ela e a própria não responde, não tem a iniciativa, aparenta não estar escutando; e a família, por ser mais fácil deixar o celular na mão da criança, responde por ela.

As crianças vão perdendo a habilidade de se comunicar, de responder as perguntas que lhe são feitas (a família acaba respondendo) e vai perdendo algumas habilidades sociais (por exemplo, dizer bom dia, obrigado..). Tem esse atraso no desenvolvimento motor, social (padrões sociais, bom dia, responder perguntas...).

Outro exemplo comum de se observar, é quando vamos em restaurantes e vemos famílias em uma mesa, provavelmente vai ter um celular para a criança ‘ficar quieta’ e os pais conseguem comer. Até que ponto isso é saudável? a criança irá ficar quieta, porém ela não vai ‘estar ali’ de fato, prestando atenção na comida, no convívio, na família. O momento da refeição, é o momento onde a criança pode desenvolver inúmeras habilidades: o da conversa, o contar a rotina dela, contar como foi o dia... E as famílias têm preferido dar o celular para a criança ficar quieta e comer tudo, do que fazer esses estímulos com ela.

Fora que, o uso do celular no momento da alimentação a criança não observa o que está comendo, a família vai oferecendo e ela vai comendo, isso vai desenvolver algumas questões alimentares, como compulsividade; muitas vezes a criança já está satisfeita, mas está tão entretida que continua comendo. São inúmeros fatores que prejudicam por causa do uso das telas.

Há alguns estudos sobre a deformação física com o uso digital; causados pela má postura (a coluna está tomando uma forma diferente), o uso dos fones que causa deformação visível no crânio.”

5. Quais seriam as consequências na vida adulta dessa hiperconectividade durante a infância?

“As principais consequências seriam essas citadas anteriormente, as crianças têm o marco do desenvolvimento infantil, então cada faixa etária precisa desenvolver uma habilidade. Por exemplo: a criança de 8 meses precisa aprender a sentar, pois com 10 meses precisa aprender a engatinhar e assim por diante. Ela não vai conseguir aprender a engatinhar se não conseguir sentar, ela precisa atingir um marco para desenvolver a próxima.

O uso excessivo das telas tanto com a questão social quanto a motora, quanto mais ela dificultar, mais isso vai se prolongar para a fase adulta, vai se atrasando para desenvolver outras habilidades.”

## **FOCADAS**

6. Após a pandemia do Covid-19, você notou mudanças no comportamento e desenvolvimento social e intelectual da criança?

“A principal diferença foi na questão da fala. Crianças que estavam na fase de desenvolvimento nessa época da pandemia (1 ano, 2 anos) hoje em dia (4 ou 5 anos) elas tem muita dificuldade. Atendo crianças de 4 anos que ainda não falam, por questões de estímulo, por que provavelmente ficavam o período inteiro na frente de telas e não desenvolviam a fala e como disse anteriormente, no horário da refeição, momento onde a família poderia dialogar e incentivar a criança a falar, coloca a tela para comer tudo em silêncio.

Um dos principais prejuízos é relacionado à fala. Atendo muitas crianças de 8, 9 anos que são as que acabaram de passar pelo processo de alfabetização e que não conseguem escrever, escrevem de forma errada. Principalmente no prejuízo da fala durante a pandemia. As crianças que foram alfabetizadas durante a pandemia também tem muita dificuldade hoje em dia em relação à escrita, visto que os pais foram obrigados a alfabetizar e eles não têm esse conhecimento. Tinha as aulas online, que não é a mesma coisa que o presencial, vejo uma diferença gritante principalmente na comunicação (fala) e na alfabetização.”

7. Como o consumo de conteúdos inadequados para a faixa etária pode afetar diretamente o dia a dia da criança?

“Principalmente a questão de conteúdo violento, é o que mais dificulta. As crianças são reprodutoras do que consomem, a partir do momento que começam a consumir conteúdos principalmente violentos, elas reproduzem isso: as brincadeiras são violentas.

Exemplo: Round 6, série famosa (violenta), com o jogo ‘batatinha frita 1, 2, 3’. As crianças brincavam disso, de fingir que está atirando. Claro, devemos ter um filtro para entender que nem tudo que a criança está reproduzindo é o que ela realmente gostaria de fazer, mas são os tipos de brincadeiras que começam a ficar mais agressivos. Por que elas estão consumindo vídeos de lutinha, por exemplo, a brincadeira dela vai ser lutinha. Então, principalmente os conteúdos violentos são os que geram maior dificuldade para as crianças.”

8. Quais seriam os conteúdos adequados para crianças de 8 a 12 anos?

“Na realidade, a família deve conhecer o seu filho, saber o que ele gosta e a própria família direcionar isso para eles. Tanto com vídeos, com jogos.. a questão das redes sociais (instagram, tiktok...) acho complicado a família conseguir direcionar, visto que a rede social é uma plataforma em que ele se desprende muito fácil. Os vídeos (youtube) são mais fáceis da família direcionar, fazer uma playlist e deixar ‘rolar’; agora com conteúdo de rede social é mais difícil, pois mesmo que os responsáveis deixem a criança seguir x pessoas, mas dependendo do que aquela pessoa posta nesse dia, já é uma coisa que a criança não deveria estar assistindo.

Então, o uso de redes sociais é mais difícil da família fazer a mediação do que o uso de youtube, netflix por exemplo.”

9. Além das redes sociais, quais outros fatores você enxerga que influenciam no amadurecimento precoce da criança?

“Como comentado anteriormente, as questões de cunho mais violento por exemplo: tem bonecos e demais acessórios da Wandinha... a família Addams em si, antigamente não era algo tão violento, era terror porém mais ‘light’, mas a Wandinha

já tem a questão de monstros, que para a imaginação da criança já é um pouco mais pesado.

Podemos ver a Wandinha por exemplo, que está em alta no momento, se direciona totalmente para crianças. Tem crianças de quatro anos fazendo festa com tema Wandinha, que não deveria ser um conteúdo para essa idade.

A questão do cunho sexual também, podemos ver hoje em dia crianças pequenas (2, 3 anos) com roupas, formas e atitudes de adolescentes, mocinhas. Na verdade, a família precisa direcionar: “você é bebê, você é criança, você é adolescente”, a família tem que fazer esse direcionamento. A criança já está mais crescida, porém continua sendo uma criança.

Tem bastante crianças que vem falando “fulano é meu namorado”, não, criança não namora, quem namora é adulto, criança não tem namorado. É aí onde acaba se perdendo, as redes sociais acabam puxando isso: no tiktok por exemplo, são nichos muito variados e a criança ao observar isso tenta reproduzir o que está consumindo.”